



Com os olhos secos – Agostinho Neto - Angola

Com os olhos secos
- estrelas de brilho inevitável
através do corpo através do espírito
sobre os corpos inanimados dos mortos
sobre a solidão das vontades inertes
nós voltamos

Nós estamos regressando África
e todo o mundo estará presente
no super-batuque festivo
sob as sombras do Maiombe
no carnaval grandioso
pelo Bailundo pela Lunda

Com os olhos secos
contra este medo da nossa África
que herdamos dos massacres e mentiras

Nós voltamos África
estrelas de brilho irresistível
com a palavra escrita nos olhos secos
- LIBERDADE.

Pelo dever – Armando Artur - Moçambique

de resistir e caminhar
pelos destroços da nossa utopia,
eis-nos aqui de novo, acorados,
aqui onde o tempo para
e as coisas mudam.

E para que o nosso sonho renasça
com a levitação do vento e do grão,
eis-nos aqui de novo,
passivos como os espelhos,
no tear da nossa existência.

Este sempre será

O nosso amanhecer.
E a nossa perseverança
é como a da erva daninha
que lentamente desponta na pedra nua."

Espera – David Mestre - Angola

Existo acento de palavra, carapinha
recordação áspera de monandengue,
mapa de conversas na visita da lua,
grávida luena sentada no verso da fome.

aqui esqueço África, permaneço
rente ao tiroteio dialeto das mulheres
negras, pasmadas na superfície do medo
que bate oblíquo no quimbo quebrado.

num gabinete da Europa, dois geógrafos
vão assinalar a estranha posição
dum poeta cruzado na esperança morosa
das palavras africanas aguardarem acento.

Fruta – Tomaz Vieira da Cruz - Angola

Quitanda de fruta verde,
dá-me um gomo de laranja
para matar a sede.

Ou, então, será melhor
dar-me um veneno qualquer
porque eu ando perturbado
e o meu sonho anda queimado
por uns olhos de mulher!

- Minha senhora, laranja,
limão, fresquinho, caju,
ananás ou abacate!...

E a quintandeira passou,
saudável, viva, graciosa,
com uma flor desfolhada
no seu sorriso escarlate.

E no ar um som de música ficou
e um perfume de fruta
que não matou minha sede

Ó agridoce quitanda
da fruta verde!...

A ignorância do poeta – Nelson Saute - Moçambique

O poeta contempla o mar
no agoniado tédio da tarde.
Caminha ao som de seus passos
ombros recurvos mãos nos bolsos
perseguindo a sua sombra.

O cão que lhe roça a solidão
não tolhe o verso escrito da memória.

Os namorados não o fitam.
De esquelha admira a inocência
dos gestos amorosos.

À sombra de jacarandás
percorre o trajeto
sobre as folhas silenciadas.

O poeta ignora, mas a direção
leva-o ao coração dos homens.